

# Rádio Educação

## Oito maneiras do rádio educar

Mauro Sá Rego Costa  
DCFE/FEBF e Labore/UERJ  
**publicado** na revista **Polêmica 11**

Dziga Vertov, antes de se tornar um dos fundadores da estética cinematográfica, com seu conceito de câmera-olho, interessava-se pelas possibilidades artísticas da gravação sonora e criou o primeiro Laboratório da Escuta: antes da câmera-olho, um microfone-ouvido. Não contou com o mesmo apoio do estado soviético recente para suas experiências sonoras; o cinema foi a arte de massas de preferência, como aconteceria também no Ocidente.

Embora tenham surgido praticamente ao mesmo tempo, o cinema e o rádio, também foi o cinema que obteve maior atenção teórica e logo desenvolveu instrumentos conceituais que servem, entre outros usos, para a educação. Fora do espaço da arte, quando o que se procura é a transmissão do saber, e o saber técnico-científico, que a escola privilegia, a prioridade é dada à informação visual. As chamadas ciências clássicas, que compõem o currículo escolar, com seus critérios de medida e precisão, no lugar do rigor qualitativo, descritivo, narrativo, terão seu veículo mais adequado nos meios visuais. É difícil, embora não impossível, pensar em ilustrações sonoras que substituam diagramas, tabelas, coordenadas... Assim, naturalmente o rádio educativo foi sendo substituído, progressivamente, nos últimos trinta anos, pela televisão, e ultimamente pela internet, ou os hiper-textos.

As reflexões desenvolvidas neste trabalho resultam de pesquisas feitas em meu projeto atual de pesquisa, que abrange o estudo de várias formas de rádio – das rádios comunitárias e educativas às rádios experimentais e o universo da rádio-arte, incluindo as experiências de rádio on-line, na internet. As pesquisas são feitas em ambiente acadêmico assim como junto a uma rádio comunitária em bairro de município da Baixada Fluminense – que atua em articulação com a universidade. Defino minha atenção à rádio-educação, assim, a partir do escopo mais amplo do pensamento contemporâneo sobre rádio. Pensar o rádio como meio educativo, hoje, é um desafio. Um dos critérios principais que escolhi foi buscar pensar o que é próprio a esse meio – o rádio, o que ele tem de específico e como essas especificidades podem ser potencializadas.

1. A primeira dessas especificidades é a deslocalização, a descorporificação, e a portabilidade, tanto dos aparelhos de recepção quanto dos instrumentos de produção (o telefone fixo ou o celular estão entre eles). O fato de somente a voz ser usada na comunicação, vozes sem corpo, permite que a associação entre uma estação transmissora e algumas linhas telefônicas permitam

conferencias ao vivo, sobre qualquer assunto de interesse, a um custo infinitamente mais baixo que a TV.

2. Uma voz sem corpo. Mas há infinitas qualidades numa voz, há uma corporeidade nesta voz sem corpo, que o rádio atual faz tudo para apagar, por razões políticas que estão escondidas, “a esterilidade da voz (...) treinada, controlada e morta (...) filha de um corpo paranóico, temeroso de falar de e por si mesmo”, como nos lembra Dan Lander.

E continua, citando o dramaturgo francês Valère Novarina:

"Eles trabalham noite e dia com imensas equipes e volumosos recursos financeiros; uma depuração do corpo na gravação do som, um vaso sanitário para a voz, filtros, fitas editadas e cuidadosamente purificadas de todos os risos, peidos, soluços, salivações, respirações, de todas as impurezas que marcam a natureza animal e material das palavras produzidas pelo corpo humano.

Mas é possível fazer diferente. Aproveitar toda a variedade dos modos de falar próprios a cada parte do país, ou da cidade, a cada camada social, a cada grupo de idade em cada área da cidade. Modos de falar têm ritmos, timbres, gestos. A fala é como uma dança – tem seus andamentos e suas atitudes. Tudo isso que é apagado pela fala homogeneizadora do rádio de hoje deve ser valorizado e sublinhado para que uma sociologia se manifeste com sua carga documental quando se trabalhar com materiais para estudos sociais e culturais.

Esta corporeidade, ritmos, timbres e andamentos da fala têm mais importância quando se trabalha com culturas mais agudamente diferenciadas. A experiência da fala de pessoas de grupos indígenas brasileiros, por exemplo, já bilíngües, mas que existem através dos afetos, ritmos e modos de suas culturas. Uma outra temporalidade, outro modo de sentir e viver o tempo, se expressa claramente nos ritmos, silêncios, lentidões estendidas, diferentes ênfases e tonalidades. Certas vozes falando, contando uma história, respondendo uma pergunta, trazem mais, materialmente, sobre essas diferenças culturais, que qualquer texto antropológico é capaz de expressar. Evidentemente, é preciso saber ouvir, e ter a consciência destes aspectos ao gravar e editar essas falas.

3. Os programas de alfabetização em mídia, buscam criar ou aumentar a capacidade crítica de crianças e adolescentes em relação ao rádio e à TV, através da análise de programas, análise da linguagem, do conteúdo, da gramática dos programas de rádio ou TV.

Além da pouca eficácia da crítica (que atua com uma linguagem diferente, materialmente diferente daquela que pretende criticar), a imaginação criadora não é exercida, ou fica reduzida à reduzida margem do que se apresenta na programação de rádio existente, atualmente. Uma outra

estratégia é capacitar as crianças a fazer rádio, criar seus programas, estimulando-as a inventar um outro rádio, em vez de repetir os formatos que já conhecem. Isso amplia, de forma radical sua compreensão e crítica do que esta mídia é, hoje.

Há experiências singulares nessa direção como a da Radio Casagrande FM em Nova Olinda, no sertão do Ceará, que foi desde o início uma rádio feita por crianças e, atualmente, ensina crianças e adolescentes de toda aquela região a fazer rádio (além de histórias em quadrinhos e até televisão).

4. O aperfeiçoamento e a redução do custo de equipamentos de registro de som com discriminação mais sofisticada, permitem, hoje, a ampliação das experiências propostas nos anos 70 de gravação/edição de 'paisagens sonoras', conceito do compositor e criador da ecologia acústica Murray Schafer. A paisagem sonora é, comparável à paisagem visual na pintura e na fotografia, a captação mais ilustrativa de um determinado lugar, registrando seus traços (sonoros) mais marcantes.

A proposta de Schafer redundou num projeto mundial de registro das paisagens sonoras das cidades, o World Soundscape Project, e numa linha de trabalho na música eletroacústica, com os compositores registrando e elaborando sobre o registro de paisagens sonoras urbanas ou de ambientes naturais.

Mas há um aspecto explicitamente educativo no trabalho de Schafer, preocupado com o crescimento absurdo da parede de ruídos que cerca nossa vida cotidiana nos grandes centros. Para desenvolver uma maior discriminação auditiva do mundo a sua volta – uma educação da escuta, Schafer criou uma metodologia e séries de exercícios que podem ser utilizados com crianças ou adultos. Seu objetivo é um trabalho de massa – e a escola fundamental pública é o espaço ideal – de prevenção contra a poluição sonora. As práticas de educação da escuta com grupos de crianças, nas escolas, são um meio para capacitá-las para a composição de 'paisagens sonoras', e ações de educação da escuta através do rádio.

Esta linha, ao mesmo tempo que abre o campo para grandes campanhas de prevenção da poluição sonora, cria uma nova atitude auditiva que favorece a recepção de grande parcela da música contemporânea, não só a eletroacústica, como as formas musicais atonais e com tempos irregulares, cuja audibilidade é limitada pelo hábito de massa, das formas tonais e simplesmente ritmadas, imposto pela indústria cultural.

5. Abertura dos ouvidos para a música contemporânea é algo que se pode tomar como porta de entrada para muitas questões da filosofia contemporânea e conceitos científicos desenvolvidos no século XX.

Não é obrigatório que os jovens saiam do ensino médio apenas com os conhecimentos da Matemática e Física Clássicas, sem nenhuma noção de

como a Matemática e a Física ou a Biologia, a Etologia, se fazem na atualidade. Matematizar é uma forma de pensar, não obrigatoriamente expressa em números. Os conceitos matemáticos são as formas essencialmente mais sintéticas, a figuração essencial de uma operação de pensamento.

A música, com sua linguagem abstrata, faz parecido. Ouvir Ligeti facilita pensar as noções de 'consolidação' e 'consistência'; desenvolvidas por Eugene Dupréel a partir da Biologia e da Neurologia. Os 'tempos' de Bergson (duração), Bachelard (dialética da duração), de Nietzsche (eterno retorno) e Deleuze (as três sínteses do tempo) podem ser 'ouvidos' na música de Messiaen, Boulez, Stockhausen, Cage, Ligeti, Parmeggiani, Zimmermann, como propõe a musicóloga Carole Gubernikoff.

6. Outra questão é a do uso da linguagem literária no rádio. Há um padrão continuamente repetido sobre o uso 'correto' da língua no rádio. Como diz Luís Carlos Saroldi: Também o escrever para o rádio tem suas próprias normas, distintas das que regem a linguagem escrita. A primeira das quais é a simplicidade – o escrever como se fala. (...) Embora não seja incompatível com imagens literárias, o texto radiofônico pede clareza, abomina o rebuscamento, impõe o estilo direto, dá passagem a uma única idéia em cada frase. Sem frases longas, sem parênteses e orações subordinadas.

Evidentemente, isso vale para o uso corrente da linguagem na mídia falada – rádio e TV –. Mas, aparentemente, essas regras tão repetidas sobre o 'bom uso' da linguagem no rádio tem inibido a potencialidade dos usos da linguagem literária. Schafer conta de um programa de comemoração pelo centenário do escritor James Joyce, numa rádio de Dublin, em que seu romance *Ulisses* é lido, direto, no ar, por 36 horas seguidas.

Mesmo sem chegar a esse extremo – embora, um belo exemplo de rádio-arte - é preciso pensar no efeito oposto: o que a linguagem simplificada, o blah blah blah da mídia, invadindo nosso espaço auditivo continuamente, produz, como empobrecimento de possibilidades de expressão.

Seria necessário tomar de Deleuze e Guattari, a compreensão de 'língua menor', que são as dissidências lingüísticas que produzem diferentes mundos, diferentes modos de sentir, pensar e ser, e que tem um espaço potente na literatura. As várias linguagens, inventadas pelos escritores, funcionariam como antídoto para essa preguiça mental e da sensibilidade que o 'uso correto da linguagem no rádio' acaba favorecendo. Elas são uma arma contra a ditadura do senso comum e do bom senso que exila nossa imaginação delirante, esconde e reprime nossa loucura viva, com efeitos terríveis para a realidade (o que não pode ser dito, expresso, na sua loucura ou no seu horror, acaba saindo brutalmente no real); além de diminuir a potência de nossa vontade coletiva de transformações concretas na realidade.

7. Um outro uso de linguagem literária com função educativa no rádio é o aproveitamento das formas de poesia oral improvisada tanto nas suas formas tradicionais, que atravessam todo o Brasil, como na forma urbana recente do rap, as canções faladas e longas do Hip Hop. No rap, além das canções compostas, há o free style, quando o rapper faz, como o repentista, comentários e críticas em versos de improviso. Hip Hop e rádios comunitárias são instrumentos associados, com enorme potencial para o desenvolvimento da expressão verbal e literária da juventude. A expansão maior dessa arte, em São Paulo, deu-se, aliás paralelamente a um projeto realizado pela Secretaria de Educação, nas escolas, durante a prefeitura petista de Luísa Erundina, no início dos anos 90 – Rap... ensaiando a Educação.

8. Um exemplo de educação sobre o rádio como mídia, através da ruptura do formato-padrão daquilo que se entende por rádio, é o projeto das Transmissões Misteriosas, que desenvolvi com Wallace Hermann e que está em discussão, no momento, no comitê Rio do FNDC – Fórum Nacional de Democratização das Comunicações. A idéia é por no ar, numa frequência escolhida em cada lugar e momento, um programa, uma transmissão – criando um outro tipo de rádio e ao mesmo tempo denunciando a forma monopolista (de controle estatal e comercial) que é o rádio com nome, frequência determinada e transmissão contínua, todo dia naquela faixa horária.

Isso pode ser feito com um equipamento de transmissão e antena volantes que se instale provisoriamente num local. Por que não? Aliás, não há lei nenhuma que proíba esta ação – ou não haverá tempo para uma ação repressora oficial (que, por acaso, não esperam ou respeitam leis, como vem acontecendo com o fechamento arbitrário de rádios comunitárias, localizadas, em todo o Brasil, pela Polícia Federal). O objetivo desse projeto é não só realizar manifestações pela 'reforma agrária no ar', contra a atual legislação restritiva e anti-democrática sobre os meios de comunicação de baixa potência no Brasil, mas questionar a formatação aceita acritica e massivamente, do que deve ser rádio ou TV. Uma transmissão radiofônica como uma manifestação de rua, como uma obra de arte de intervenção, uma escultura de som provisória no espaço hertziano. Uma expressão de educação em arte, ou educação em mídia – que, aliás, deveria caminhar para se encontrar.

## Bibliografia

Andrade, Elaine Nunes de. (org.) *Rap e Educação. Rap é Educação*. São Paulo, Summus, 1999.

Deleuze, G e Guattari, F. *Kafka. Pour une littérature mineure*. Paris, Minuit, 1975.

Deleuze, G. e Guattari, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. vol.4, São Paulo, editora 34, 1997.

Kahn, D. & Whitehead, G. (orgs.) *Wireless Imagination, Sound, garde–Radio and the avant*. MIT Press, Cambridge, London, 1992.

Schafer, Murray. *A Afinação do Mundo*. Trad. de Marisa Fonterrada. São Paulo, UNESP, 2001.

------. *O Ouvido Pensante*. Trad. Marisa Fonterrada et alii. UNESP, São Paulo, 1991.

------. *Hacia una educacion sonora*. Trad. Gainza, V.. Buenos Aires, Pedagogias Musicales Abiertas, 1994.

## Artigos em periódicos

Lander, Dan. “Radiodifusão: reflexões sobre o rádio e a arte”, in Lílian Zaremba, Ivana Bentes. *Radio Nova, constelações da radiofonia contemporânea 3*. Rio de Janeiro, UFRJ, ECO, Publique, 1999.

Saroldi, Luís Carlos. “O Narrador no Rádio: Almirante e a Interatividade”, in Lílian Zaremba, Ivana Bentes. *Radio Nova, constelações da radiofonia contemporânea 3*. Rio de Janeiro, UFRJ, ECO, Publique, 1999.

Schafer, Murray. "Rádio Radical", in Lílian Zaremba, Ivana Bentes. *Radio Nova, constelações da radiofonia contemporânea 2*. Rio de Janeiro, UFRJ, ECO, Publique, 1997.

## Textos acadêmicos

Gubernikoff, Carole. *Música e Representação. Das durações aos tempos*. Tese de Doutorado em Comunicação, ECO/UFRJ, 1992.